

ACAMPAMENTO DE SEFER-PACHIA EM BATOUM.

A Colchida dos antigos, nomeada n'essas eras remotas em rasão da mythologia que ali collocou o vellocino conquistado por Jason e seus companheiros athenienses, appellidos os argonautas, é uma região asiatica com praias no mar Negro. Abrange hoje a Imerethia e a Mingrelia, provincias da Georgia, e com ellas a Garia, parte meridional da Colchida antiga, que se divide em duas; uma dominada pelos russos, que a occuparam em 1801 e annexaram ás citadas provincias; e outra, a meior porção, pertencente aos turcos no pachalato de Trebissonda, e que tem por capital Batoum, portó do mar Negro na foz do rio do mesmo nome, o *Bathis* da antiguidade, fronteira do paiz dos colchos com o reino do Ponto, illustrado pelas guerreiras proezas do formidavel adversario dos romanos, Mithridates.

Todos os orientaes chamam á Colchida *Odische* e aos seus habitantes *mingrels*. «Não pude achar (escreve Chardin) a etymologia d'estas duas palavras nem certificar-me como quizera, da origem d'esse povo que Diodoro Siculo ou tres auctores fazem descendente do Egypto e dizem ser colonia mandada por Sesostris, o que é pouco verosimil.»

O terreno é assas desigual com grandissima variedade de collinas e montanhas, valles e planicies; altea-se insensivelmente á beiramar; é coberto de mattas densas e frondosas, exceptuando-se as terras lavradas que não são em muita quantidade. O arvoredo multiplica-se com tanto vigor que não sendo extirpadas as raizes que se dilatam pelos campos de lavoura e pelas estradas, o paiz se converteria em brevissimo tempo n'uma selva basta, que seria difficil destruir e de que ninguem se desenredaria.

A temperatura é moderada no calor e no frio;

não sujeita a temporaes e tempestades, e raras vezes cahê saraiva; mas torna-se incommoda e pessima em consequencia da extrema humidade; chove quasi de continuo: a humidade da terra, aquecida pela ardor do sol, infecta o ar e causa frequentes vezes a peste e outras epidemias. É um ar insupportavel para os estrangeiros; rala-os a principio e os vae reduzindo a horrivel magreza; ao cabo d'um anno estão amarellos, resequidos e extenuados. Os naturaes do paiz soffrem muito menos, mas a sua vida é de curta duração, sendo raros os que alcançam a 60 annos.

Attribue-se a esta temperatura a *hydropisia*, que é molestia innata aos mingrellos, e que elles combatem não somente pelo continuo exercicio que fazem a cavallo, andando sem cessar por estradas e campinas, sem pararem mais de tres ou quatro dias n'um lugar, mas tambem comendo nas iguarias muito sal, e conservando-se muito tempo ao pé do fogo. Á mesma causa se attribue os vermes immundos que apouquentam gente e animaes domesticos. É clima altamente doentio e incommodo.

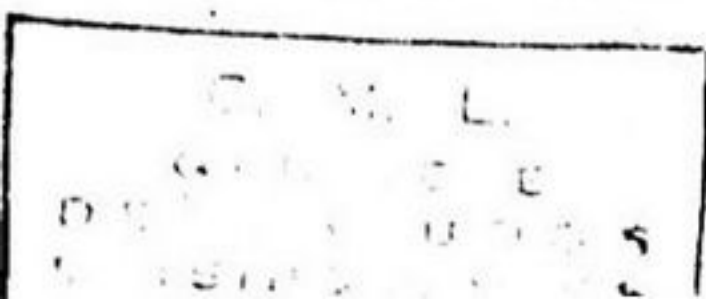
#### O VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

V

Continuação.

Insurgentes e revolucionarias foram as cruzadas, que tanto abateram da sua primeira pujança a altiveza dos Barões, e chamaram ao gremio dos homens-livres, a muitos dos que vegetavam na servidão feudal. Democraticos foram os movimentos que deter-

FEVEREIRO 16, 1836.



minaram a erecção das *communas* e a restauração barbarizada dos antigos municípios. Democraticas eram as comunidades politicas que entre si dividiram boa parte da Italia; e democraticas Siena e Florença, Veneza, Pisa e Genova. Com serem encaminhadas em beneficio da theocracia pontifical, muitas vezes serviram tambem a democracia e a emancipação dos povos contra a auctoridade imperial, as contestações violentas e frequentes entre os soberanos e os pontifices.

De muito longe datam no occidente as dissidencias religiosas. Antes de Luthero e de Calvino, os albigenses e os vaudezes, os beggars e os fraticellos, andaram revolucionando a Igreja e imbuindo as mais humildes classes populares no espirito de agitação e de independencia. Dentro da Igreja christã e catholica, a democracia pleiteou as suas excellencias e conquistou influencia e auctoridade. As ordens mendicantes, principalmente a dos menores, representam o povo que protesta contra a insolencia dos privilegios, e que revoluciona, por assim dizer, a Igreja, para a restituir á fraternidade do Evangelho e á humildade dos seus antigos fieis. Estes exercitos espirituaes que se recrutam no povo para exprobrar, com os seus exemplos e com as suas catecheses, a arrogancia e a corrupção dos opulentos e poderosos, não é senão a democracia que veste o burel, e que se acouta na Igreja e na crasta, para á sombra da lei divina abrigar o povo contra a perseguição mundana.

A anarchia litteraria nascia necessariamente da anarchia social. Com a unidade do imperio nascera e se consolidara a unidade das lettras romanas. Com a desunião feudal e com a independencia dos municípios, vivia, como formula expressiva da vida social, a litteratura independente e aventureira, que esquecia as tradições antigas e desdenhava com soberberia, toda a idéa de uniformidade, e toda a tendencia de centralisação. Com a renascença do absolutismo começa a despontar a regularidade litteraria. Com a sua consolidação firmam de novo o seu dominio as camenas pagãs e reconstrue-se com esforços inauditos de erudição o velho edificio classico. As lettras seguiram a condição do imperio que voltava, modelado nas fórmulas do absolutismo europeu. O despotismo novo era apenas a imagem descorada da antiga magestade dos Cesares. As musas gregas e latinas que resuscitavam com elle, não eram de certo já as musas de Homero e de Theocrito, de Virgilio e de Catullo. Haviam dormido largos seculos, e perdido no tumulto a pureza das suas graças naturaes e a gentileza das suas antigas fórmulas. Haviam resurgido, mas ninguem tivera poder de remocá-las. Vieram inspirar a mais de mil annos de distancia, a homens que invocavam outros numes e que viviam de diversas tradições. O seu reinado foi antes uma aparição, do que uma vida verdadeira. O que prova que, nem no Parnaso as restaurações são duradouras, e que nem o proprio Apollo, depois de haver uma vez abdicado a realza, volta a segurar no throno a magestade da sua antiga dominação.

Das fórmulas externas da litteratura, é o theatro a mais natural e a mais expressiva, e por uma singular contradicção entre a natureza e a litteratura, é a scena a ultima que se instaura e se cultiva na ordem dos progressos intellectuaes de uma nação. Aquelles que pensam e crêem, e escrevem confiadamente, sem mais exame nem indagação, que a arte é a copia e a imitação da natureza, ahí têm n'esse phenomeno uma efficaz contestação das suas theorias. Ha na vida, a mais singella, a menos enredada de pai-

xões e de intrigas, a mais placidamente discorrida, longe dos tumultos do mundo, a mais aproximada ao typo buccolico das antigas pastoraes, ha na vida mil dramas que se entretecem e se enleiam, e se enredam uns nos outros, de sorte que vem a ser a catastrophe de uns a exposição dos outros, o protagonista d'estes, o derradeiro personagem d'aquell'outros; o tyranno aqui, a victima acolá; e esses dramas passam e desenrollam-se á vista da menos perspicaz observação. E comtudo, quem os copia, quem os descreve, quem os analisa e quem os transplanta para a scena? A litteratura grega vive muito tempo sem inaugurar sequer a forma dramatica, e sem se atrever a descobrir entre os pampanos que adornam o carro de Thespis, os primeiros lineamentos do theatro rude e primitivo. Abalança-se o estro aos maiores commettimentos. Cantá-se a guerra, que é o drama vivo das nações; celebram-se em hymnos inspirados as memorias da patria; e as lyras estão mudas, para descantar as acções da vida trivial; o estro tem vigor para altear os xões até aos ceus, e evocar a terrivel magestade dos Numes; e dedigna-se ou não se lembra de roçar um instante pela terra para ennobrecer e idealisar os sentimentos e as paixões dramaticas que luctam na scena real da sociedade. A arte logo desde o berço se amostra e annuncia grande e generosa nas suas empresas. Desde o seu alvoroçar, procura logo o sublime e o mysterioso, parecendo desairar-se com o trivial e o mundano. Hesiodo canta nos *Trabalhos e nos Dias*, a historia primitiva dos Deuses e dos Navegantes, antes que Homero celebre a historia dos heroes, e antes que Xenophonte e Thucydides escrevam simplesmente a historia dos homens. Decorrem seculos até que na scena litteraria appareçam Sophocles e Euripides, Aristophanes e Menandro que escrevam para o theatro a historia animada das paixões.

A lyra, quando cria o theatro, envergonha-se quasi de deslustrar a sua nobreza, cantando as scenas da sociedade. Não se atreve a tomal-a, como ella é, e como se manifesta, por assumpto e espelho das suas composições. Em toda a parte o theatro nasce nos campos e filia-se na musa pastoril. E' a ecloga que degenerando pouco a pouco, perde a simpleza antiga para se enriquecer e adornar com as pompas do espectáculo. Não são quaesquer homens as figuras dos primeiros dramas. A arte refoge cautelosamente as cidades e povoa a scena com os pastores recrutados entre os mais singellos e buccolicos mortaes. E' a taes ascendentes que o theatro grego deve a sua prosapia. E' a elles que se prende a genealogia de todo o theatro peninsular.

Como em toda a parte, o theatro teve na península, em toda a idade media, um entreacto de muitos seculos. Os espectaculos foram para o povo uma necessidade e um prazer, mas eram os espectaculos que fecerãam mais os olhos do que o animo, e que fallam mais á fantasia do que persuadem o coração. Um povo rude precisa de viver para o exterior, porque a alma está então pouco disposta para se concentrar e viver a sós consigo na immensidade do pensamento. A idade média, no seu apparente espiritalismo, precisava apalpar, tornando as sensiveis, todas as fórmulas do pensamento e todas as manifestações do espirito humano. Todos os sentimentos revestem um symbolo material, todas as paixões uma physionomia corporea, todas as idéas se vestem e se engrandecem n'um veu tangivel e real. Não se comprehende a Deus sem a magestade dos templos e sem a magnificencia do culto, a que dão realce todas as crea-

ções mais fantasticas das artes que então começam a germinar e a servir. É a epocha das cathedraes onde a amplidão das immensas arcarias, a melancholica frouxidão da luz, coada pelos vidros de mil côres, a ousada projecção dos arcos, a variada profusão dos labores e laçarias, como que traduzem physicamente a magestade da criação e a vaga e indefinida previsão da beatitude celestial.

A fé ardente do christão não queima já os animos piedozos nos raptos beatificos dos antigos confessores e dos primeiros martyres. O christão não se limita a conservar a crença de seus paes, prostrando-se diante da cruz pacifica que se levanta no cláustro do mosteiro, ou assombra a musgoza pedra dos sepulchros; vê-a tambem no punho da sua espada, e julga vêr n'ella escripto o dever de consagrar o seu sangue não á confissão da fé, com a mansidão dos primeiros martyres na presença dos pretores, senão á glorificação do nome de Christo pelo exterminio dos infieis. A fé personalisa-se na guerra — e as cruzadas foram para a meia idade a corporificação da crença. Nos primeiros tempos da igreja o christão combateo com as armas interiores da mansuetude e de abnegação. Na meia idade, a fortaleza evangelica formou corpo, transformada no montante e no ascuma do crusado.

Tudo falla aos sentidos na rudesza d'aquelles tempos onde a luz da civilisação como que batia em raios obliquos sobre as trévas dos primeiros tempos. Não se explicou nem se comprehendia quasi como a providencia legislasse e mantivesse a harmonia do universo material e do mundo intelligivel sem a intervenção visivel do poder sobrenatural nos successos da vida commum. As lendas multiplicam-se, e as chronicas enriquecem-se de episodias imaginosos e de narrativas sobrenaturaes. A virtude dos eleitos de Deus é mister que se manifeste por signaes exteriores e por indícios materiaes. Dahi vem a infinidade dos prodigios e a innumeravel copia de milagres que exornam e autorisam a biographia dos heroes christãos. Não é bastante que os santos intercedam junto ao solio de Deus pela victoria das armas christans. É Santiago, o chefe dos exercitos espirituaes da igreja militante, quem desce do céu á terra, e domando um ginete de alvura singular, tremolando o penacho de fogo sobre o elmo de diamante, arranca rijamente contra os inimigos do Senhor e os desbarata nos ultimos instantes da batalha.

*Continúa.*

J. M. LATINO CORLEO.

## ESTUDOS CRITICOS.

### V

O volume de poesias de Antonio de Serpa, é desigual como todos os livros d'este genero. Falta-lhe a unidade, e o seu proprio auctor nos explica a razão por que: «As composições que o auctor escolheu para compor este livro foram escriptas sem pensamento «fixo, nem moral nem litterario; foram escriptas, «pela maior parte, sobre o joelho, para serem publicadas no dia seguinte nas folhas volantes do jornalismo litterario, e conquistarem o applauso ephemero de um dia, quando, ha poucos annos, o publico, ainda não saturado, como hoje, até á completa saciedade d'este genero litterario, acolhia «com uma certa affabilidade os primeiros ensaios da «nova fórma, ainda não vulgarizada.» Antonio de Serpa possui a rara qualidade de avaliar as suas

obras como ellas são, sem as sobrescriptar á posteridade, e tendo como indigno do seu character atirar com poeira aos olhos dos leitores. De ordinario, uma das pertencções dos poetas, é ter unidade; pensamento fixo nas suas composições. Elegiacos, inventam a dôr; andam á roda d'ella, queimam-se, torturam-se e morrem na guilhotina que inventaram, pelo prazer de serem fieis ás lagrimas, que no principio não foram mais que um pretexto para cantarem. Anacreonticos, ai do nome da mulher que lhes saiu formosa e acabada da fantasia como Venus das espumas do mar! Seja embora o poeta inconstante como um Lovelace, a musa ficou-lhe presa á pia do baptismo, e o que uma vez jurou pelos olhos de Natércia, aconselha-lhe a unidade que não perjure por um sorriso de Jônia, ou pelas tranças louras de Isbella. Lamartine canta sempre em nome do céu; Béranger em nome da patria; outros em nome dos seus amores; sempre os mesmos, sempre constantes, como pede a unidade, a *idéa*, invocação permanente, fisa invariavel da penua de Victor Hugo.

Antonio de Serpa confessa, ingenuamente, que não amassou o barro para o seu idolo, que ajoelha em todos os altares, e sacrifica, em verso, a todos os cultos, menos á Divindade Suprema, por que:

Dos homens a lyra amena  
Canta os sonhos e as paixões.  
Ais de um dia, inutil pena:  
Mas essa lyra é pequena  
Para tão grandes canções.

As poesias de Antonio de Serpa podem racionalmente dividir-se em tres secções. A primeira, e de certo a melhor, inspirada e medida pelas *Orientaes* de Victor Hugo, e em cujo numero entram *A Grega*, *o Sultão*, *o Pajem*, *o Canto do Pirata*, *Abd-el-Kader*, e *Caio Gracco*; a segunda, em que se lêem a ode a *Chateaubriand*, e as poesias intituladas *o Natal* e *Ultimo Canto*; e por fim uma serie de pequenos desabafos poeticos, sem consequencia, e que desdizem, quer da perfeição de fórma das primeiras, quer do pensamento philosophico e elevado das segundas. As organizações poeticas, são como as inclinações amorosas. N'uns o coração vence a cabeça; n'outros, o raciocinio domina o affecto. Antonio de Serpa é d'estes ultimos. Não lhe peçam o amor desarrasado que divaga e se lamenta; nem a exaltação febril que se desata em imprecacões; mas exijam-lhe em troca, as notas graves da lyra que medita o passado, e prende todas as suas poesias á idéa magna da liberdade, e emancipação do homem. A índole das poesias de Antonio de Serpa affastou-o um pouco das turbas; mas, em compensação, os circulos litterarios da capital aceitaram-n'o com o alvoroço com que os *Vendutinos* recebiam nas suas fileiras os que não transigiam com os desvarios da republica. A auctoridade, é o fiel da sua balança de auctor. Nos salões pedir-lhe-hão mais lagrimas, mais juras, mais protestos; na praça publica, menos arte, mais ingenuidade na fórma. A mais larga e perfeita das poesias de Antonio de Serpa é inquestionavelmente a *Grega*. Na Grecia, terra de tradições, de gloria, de poesia, as ideas da revolução franceza acharam eco nos corações dos Hellenos, e a primeira victima da sua regeneração foi um poeta! Fugido á vingança das auctoridades turcas, o poeta Rhigas, refugiou-se no territorio Austriaco, mas entregue pelo gabinete de Vienna aos delegados do sultão, foi barbaramente por este mandado affogar no Danubio! Mais tarde, o maior pec-

ta d'este seculo, lord Byron, pagava com a vida o seu amor, e dedicação, á terra classica da poesia e das artes! Cantar a heroicidade dos gregos modernos foi, depois do combate naval de Navarino, a missão de todos os poetas, *d'esses eccos dos sentimentos dos poetas*, como lhes chama com justiça um critico distincto. Victor Hugo, Casimir Delavigne, Béranger, Delphine Gay, celebravam em estrophes ardentes e apaixonadas a luta gigante dos Hellenos, em quanto a auctorizada voz de Chateaubriand fazia ouvir na camara dos pares palavras dignas de si, e da magestade do assumpto.

Na poesia de Antonio de Serpa, *A Grega*, ha estrophes d'uma irreprehensivel belleza, de um mimo e correção, admiraveis. A descripção do serralho, e os zelos da sultana Zara, na estrophe seguinte, juntam a uma grande abundancia de rima, um valor oriental, e um perfume tão delicado de poesia, que não podemos resistir á tentação de as transcrever aqui:

Os paços tem uma sala,  
Onde entre arômas e galla  
Se perde accôrdo e razão:  
Onde os muros de esmeralda  
Reflectem a luz que esculda  
Té dentro do coração:  
Onde o cheiro é puro nardo,  
E pelles de leopardo  
As alcáttas do chão.

Ali o sultão recebe  
Dos labios de cada Hebe  
O doce nectar d'amor;  
Apaga a furia devassa  
Dos labios na pura taça  
De tanta roubada flor.  
Ali a captiva entrara.  
— Suspira a sultana Zara  
Com zelos do seu senhor.

Não é só n'esta poesia que Antonio de Serpa se mostra conhecedor da forma. *O Sultão* e o *Canto do Pirata* facilmente se denunciam como irmãos gêmeos da *Grega*, embora esta seja mais polida e trabalhada que qualquer das outras poesias do auctor. A força de querer dar vigor ao verso, Antonio de Serpa, torna as vezes obscura a construção dos seus periodos. Na segunda decima, de *Caio Gracco*, lêem-se estes dous versos:

Carthago, sim, sottopondo,  
Romano, venceste allim.

A sintaxe, aqui, tira á poesia a fluencia e abandono, que o lyrismo requer como condição essencial da sua melindrosa natureza. Os poetas que mais amor têm á forma, nem sempre se sabem eximir ao defeito de deixar a descoberto os moldes mechanicos em que fundiram as suas mais poeticas imagens. Nós ouvimos os sons da harpa diz o celebre auctor do *Cinq Mars*, nas suas *considerações sobre a verdade na arte*, mas a sua forma elegante veda-nos ver o ferro de que é composta a sua machina. A poesia pede ser tambem assim. Ao ouvido do leitor só devem chegar os sons melódiosos da lyra, sem que elle sinta ferir-lhe as cordas, nem ouça os preludios com que o poeta lhe experimentou a affinação. Não obstante, Antonio, de, Serpa, é dos poetas lyricos, que menos deixa devassar os segredos da sua musa, pela curiosidade publica. No *Pagan*, no *Sultão*, no

*Canto do Crusado*, no *Pirata*, e no *Abd-El-Kader*, a rima é pomposa, mas o pensamento sae natural, e a arte, pode como a donzella, esconder o estudo do espelho, na desaffectedada simplicidade dos trajos. Especialmente a *Grega*, com ter toda a pompa do orientalismo que descreve, não deixa nunca advinhar o trabalho, o risco do architecto.

Como os palacios encantados dos contos populares, as estrophes erguem-se umas apoz das outras, tocadas pela vara de condão da poesia, naturaes, ricas, esplendidas. No livro segundo das poesias de Antonio de Serpa ha um hymno, ao *Pôr do sol*, em que se lê esta decima verdadeiramente *lamartiniana*:

Oh! Quem seguiu-lo ousára!  
Seguiu-lo quem podéra  
Na onda pura e clara  
D'essa brilhante esphera!  
Co'as vistas abraçara  
Do céu as vastidões.  
Ao céu perguntaria  
Ao mundo, ao sol, ao dia,  
Por que é que se soffria  
Da vida nos grillhões.

Mas, infelizmente, n'esta poesia que é toda de um grande mimo, e de uma extrema simplicidade, ha apenas uma estrophe, que desdiz da intangivel transparencia, e candida sensibilidade em que toda ella anda envolvida:

A brisa que na sarça  
A murmurar se escuta,  
É voz que ri da *farça*  
Da humana eterna lucta?  
— Será como *comparsa*  
Que o homem louco e vão,  
A si lançando o incenso  
Do pó grosseiro e denso,  
Assiste ao *drama* immenso  
Da immensa creação?

As duas consoantes, *farça* e *comparsa*, e a palavra *drama*, do fim da strophe, terminam acanhada e rasteira a idéa que por ellas se quer explicar. O murmurar da brisa desaparece, para o leitor só ver deante de si o espectáculo grosseiro, que á imaginação se apresenta, pelo realce todo material da rima. Estes defeitos, que são no livro a excepção, compensa-os de sobejo o auctor, mesmo nas poesias que mais desaperecidas passaram, quando publicadas pela primeira vez nos jornaes litterarios. Entre outras, a ode á morte de Chateaubriand, tem toda a opulencia e magestade da poesia, que se inspira de um grave acontecimento:

Um seculo se erguia gigantesco  
Arrojando os mortaes para um abysmo,  
Tu quizeste tirar ao monstro a preza:  
Luctaste, outro David, contra o Golias,  
E o gigante caiu, amortalhado  
No vazio d'um sepulchro!

Esta poesia, tem mais de um ponto de contacto com a celebrada ode de Manzoni a Napoleão. Quiz o acaso que os dois homens que em vida haviam sido rivales da gloria, dividindo entre si a attenção do mundo, achassem em lyras diversas, notas quasi irmãs, com que lhes saudar, na posteridade, os sepulchros gloriosos. Ambos haviam mudado a face

do seculo novo, aquelle com a penna, este com a espada. De Naí oleão dizia Manzoni na sua ode:

Ei si nemò: due secoli  
L'un contro l'altro armato  
Sommessi a lui si volsero  
Como aspettando il fato:  
Ei fé silensio, e arbitro  
S'assise in mezzo a lor

Na ode de Antonio de Serpa, a *Chateaubriand*, ha accentos de egual virilidade; e os dous seculos, de que o poeta italiano faz arbitro a *Napoleão*, sam tambem julgados pelo cantor d'*Atala* na poesia portugueza:

Gigante colossal entre dous seculos  
Tu arrojaste um d'elles ao sepulchro;  
E o outro, que á tua voz voz surgira,  
Encara do porvir, ousado, as sombras...  
Mais feliz que Moisés, tu viste a aurora  
Dos promettidos tempos.

Se não pareceesse exagero de nacionalidade, o por estrophe a estrophe, diriamos: que um seculo arrojado ao sepulchro e outro seculo novo surgindo á voz de um só homem; tem mais elevação e majestade, que os dous seculos que se volvem para outro homem para d'elle ouvirem a sentença do seu destino! Sem quereremos pleitear orgulhos de primasia litteraria com a mais poetica nação do mundo, ainda nos parece que, a ode a *Chateaubriand*, é, pelos menos, digna hobrear sem vergonha com a do grande poeta italiano. Antonio de Serpa abusa algumas vezes dos epithetos, dados, quer aos objectos, quer aos sentimentos. Sabemos que é este o escolho quasi inevitavel do lirismo; e d'elle tem sido accusado o proprio Lamartine; mas, uma vez decididos a dizermos a nossa oppinião acerca das poesias que temos presentes, entendemos que era nosso dever não escurecer o elogio, nem atenuar a censura. As poesias do fim do volume, embora o author o não declare, vê-se que foram os seus primeiros ensaios, e não as recommenda nem a frescura das imagens, nem o circumspecto e severo estudo da metrificacão que torna dignas de elogio outras da mesma collecção. Devemos exceptuar d'esta censura o *Ultimo Canto*.

O poeta nasce e não se faz, é uma das maximas consignadas em todos os codigos da arte poetica. Sem pertendermos renegar o credo professado desde Horacio até nossos dias, crêmos que ha exageração, vaidade pelo menos, n'esta sentença. Se ha engenhos que se revelam logo na poesia, *das fuchas infantis despido apenas*, como de si alliança Bocage; outros há, o mais crescido numero talvez, que se fazem, contrariando assim as prescripções dos legisladores do Parnaso. Antonio de Serpa parece-nos d'estes ultimos. Pelas suas primeiras tentativas, poucos lhe tirariam direito o horoscopo, acertando-lhe com a vocação. Não obstante, cada passo que deu foi na poesia um progresso. O *Ultimo Canto*, escripto para com elle fechar o volume das suas poesias, deixa a desejar aos leitores que não seja esta a sua ultima palavra. A breve, e simples historia da sua musa, está toda n'estes ultimos versos, os unicos de todo o livro, em que o inspiram o desalento e a dor. Ainda assim o scepticismo anda-lhe longe da lyra;

Feliz eu: que além dos mares  
D'este templo arruinado,

D'estes destroços impuros,  
Vejo os pilares seguros  
D'outro templo mais sagrado.

As muzas não abandonam aquelles, a quem aiada a religião consola. A alma do poeta tem como o oceano as suas tempestades; mas, passadas ellas, aquietam-se as aguas, o céu recama-se de estrellas, e a esperança renasce, para não mais pensar no perigo. Hoje, que a poesia anda tão pobre, deixa-la, seria ter a crueldade do filho prodigo da *Escriptura*. Antonio de Serpa desconfia, elle proprio o confessa, no epilogo do seu livro, que a poesia morreu em França com Lamartine e Hugo, e que a sua resurreição será tardia, se é mesmo que o milagre tem de se renovar. Pela nossa parte, parece-nos que o poema satisfará mais que a poesia chamada fugitiva, mas não queremos com esta oppinião avançar que a forma lyrica esteja gasta, e para sempre extincta. Em todo o cazo, aconselhâmos a Antonio de Serpa, e a outros, que, como elle, usam, mas não abusam da poesia; a que a não abandonem, para não acontecer repetir-se a anedocta de um fidalgo da casa de Valois que se tinha retirado da corte para a sua casa de campo nos confins da provincia, e que, interrogado por Luiz XIII, acerca dos motivos de tão prolongada ausencia, respondia: *Sire, je-n'y fais que ce que je dois*. Dias depois sabia-se na corte que o tal fidalgo fazia moeda falsa. Se os que podem bater moeda legitima o não fizerem, é de recciar que tenha imitadores o exemplo do escrupuloso cortesão, que se limitava a fazer *unicamente* o que devia.

## MEMORIAS HISTORICAS.

1583)

(Continuação)

— Meu Deus! Não haverá d'entre vós algum que queira pôr termo as nossas penas, dando uma arca-buzada em cada um, não consentindo que a crueldade hespanhola venha exercer-se sobre nós.

Vendo isto o commendador, com a pouca esperança que tinha de soccorro, e que parte da sua gente se tinha entregado já, e dado aviso dos seus apuros, estando a maioria em fim resolvida a fazer outro tanto, vendo que uns morriam á fome e á sede, e os feridos por falta de penso, tendo alguns de seus cirurgiões passado ao inimigo, e os outros perdido seus ungentos; remiu seus capitães, os quaes lhe pediram que ouvisse composição, e quizesse conservar as vidas que de hora em hora via perder sem proveito; o que sendo entre elles resolvido, e tambem por uma particular amigo, cavalleiro de Malta que estava no exercito, foi o commendador advertido de que o inimigo se mettia em batalha, para o sie atacar, e lhe pedia tivesse ainda piedade de si, e lhe enviasse promptamente um homem para tratar da composição. Para esse fim elegeram ao commendador do Mayet, que pondo-se a caminho, fez aos hespanhols tamanhas exigencias, como se estivessem em iguaes circumstancias: riam-se elles do pedido, e despediram-no, sem lhe darem outra resposta senão, que era grande loucura e temeridade da parte dos francezes, que não podiam deixar de entregar as vidas nas suas mãos, em logar de se humiliarem pedindo, ou entregando-se á descripção, representarem o papel de mais fortes e de pobres. Ordenaram ao commendador do Mayet que se retirasse promptamente, e que não mandasse resposta ás suas de-

pertinentes propostas por 15.000 homens de combate. Entretanto D. Pedro de Padilha não deixou de continuar a escrever ao commendador de Chaste, participando-lhe ainda, que tendo elle mandado um dos seus, sem o acompanhar de instrucções rasoaveis, tornava elle sem ter concluido nenhum tratado, que sempre desejára por amor delle, e por segurança da sua vida; que o marquez de Santa Cruz pedira, e defendera aos seus que lhe fallassem já-mais em composição com os francezes, de quem desejava ver o fim, já que eram tão obstinados; que no entantó se elles mandassem diligentemente algum outro mais tratavel do que o dito du Mayet, a companhia de todos os cavalleiros hespanhoes supplicaria ainda ao marquez que o ouvisse; que previa, que a confiança que elle punha nesses fracos portuguezes, esperando que viriam reunir-se-lhe, seria causa da sua perda; que não devia esperar por isso; que para o convencer do contrario lhe enviara a carta por elle escripta ao capitão dos portuguezes, Francisco, por este depois enviada ao marquez, com offerecimento de seus serviços para a ruína dos francezes; que se abaixava muito, procurando esta má raça, depois de ter sido enganado por ella; e que ainda que se lhe reunissem, isso não impediria a sua perda. O commendador e seus capitães, elegeram o senhor d'Angarnagues, mestre de campo, a quem deram poder de tratar da composição. Poz-se elle immediatamente a caminho. Á sua chegada o exercito que marchava em batalha, fez alto já fóra da cidade d'Angra; (sobre os francezes), e ainda que o dito d'Angarnagues pedisse muitas cousas, que não esperava obter pôde a final com alguma difficuldade conseguir a composição nos seguintes termos:

1.<sup>o</sup> Que o dito marquez promettia ao dito commendador e á sua gente faculdade de se retirarem a França com espadas e adagas.

2.<sup>o</sup> Que daria navios avitualhados para os conduzir, e suas bagagens, que não pesavam muito sobre as costas dos francezes, que haviam perdido tudo, não lhes restando mais do que o que tinham no corpo no dia do combate.

3.<sup>o</sup> Que tambem o marquez, por desconfiança que tinham tido da sua fé, juraria sobre os Santos Evangelhos observar a composição, que assignaria com os principaes da sua armada.

Feito isto, accordados e assignados os artigos, foram levados ao commendador, que com suas tropas se poz em caminho para Angra, onde estava o dito exercito, do qual a distancia d'um quarto de legua foi recebido honradamente pelos principaes, e certificado pelo dito Padilha, da parte do marquez, que n'aquella hora podia considerar-se como entre seus mais fieis irmãos e amigos. Deram-lhe um cavallo, porque elle ia a pé á frente das suas tropas, e as garupas dos seus levaram alguns gentis-homens que seguiam o commendador, e se foram á cidade, onde o quartel e munições para os francezes já estava preparado, como para os hespanhoes. O commendador foi direito á residencia do marquez, que na recepção o honrou muito. Depois disse-lhe que estava admirado de que um homem da sua qualidade e de tanto valor se tivesse aventurado em logar tão remoto da sua patria, com tão pouca apparencia de o conservar, assim como a vida e a honra, acompanhado de tão pequena força, e em ajuda da mais covarde nação do mundo, qual era a portugueza. Conheceu pela resposta do commendador, que a sua pouca fortuna o fazia mui triste e zangado, dizendo ao marquez que se as proposições que el-rei D. Antonio fi-

zera a el-rei seu amo, e á rainha mãe, fossem verdadeiras, a empreza responderia ao plano, que era de lhe impedir o desembarque e tomada da ilha, o que nem ainda teria conseguido se as galeras não fossem chegadas, (contra o que D. Antonio assegurára que não podiam navegar) e os portuguezes o não tivessem abandonado; estando mui pezaroso de que não tivesse sido morto no começo do combate, porque não visse chegar este infortunio, do qual lhe ficaria tanto desgosto, quanto lhe fosse a duração da vida. O marquez lhe disse:

— Em verdade, senhor de Chaste, se pia fazer grande injustiça á nação franceza se eu não confessasse seus altos feitos e brava coragem; mas permittir-me-heis dizer, que os francezes são muitas vezes considerados, e apressados, como capitularei estes, em quanto me não derdes razões, onde só vejo apparencia. O que mais estranho acho é ver-vos chamar má á boa fortuna, porque visto serdes enganado no principal objecto da vossa intenção, o que não é falta vossa, n'isso vedes a fortuna que corrieis, a que eu chamo má; quando a acho mui boa recobrando a causa perdida, como são vossas vidas, e alcançando muita reputação entre nós, pelo que quizemos fazer-vos e aos vossos mais do que de dever no dia do desembarque, em que combatestes furiosamente todo um dia com um punhado de homens um tão grande e tão forte exercito, não observando nos francezes senão o desejo de morrer. Devieis pois regosijar-vos, porque já-mais cavalleiro da vossa nação fez tão bella facção a favor d'uma tão contingente e temeraria empreza, nem outra mais notavel do que o vosso regresso á França.

Contou-lhe para exemplo a derrota do sr. Strossy e da sua armada; a viagem que os francezes fizeram á Florida, onde não escapou nem um só; e muitos outros combates em que a sorte lhes fóra contraria, não por falta de valor, mas de direcção, e por não terem bem calculado a empreza. E depois d'estes longos discursos, sendo chegada a hora da ceia, começaram a trazer a carne, com o que os gentis-homens que seguiam o commendador ficaram mui satisfeitos, e não desejavam senão dar que fazer aos dentes, por mais discursos que houvesse: não ceiam comtudo no aposento do marquez, porque os chefes hespanhoes tomaram cada um o seu pela mão, e os levaram a seus quartéis, onde os trataram com mostras de boa vontade, e ceiam sem esperar pela mostarda. O commendador, depois de ter ceiado com o marquez, lhe deu as boas noutes, sendo ainda por elle certificado de que observaria a composição, e que o faria brevemente embarcar, por que voltasse a França. Retirou-se ao quartel do sr. D. Pedro de Toledo, filho do fallecido vice-rei de Napoles; mui honesto e bravo cavalleiro, que aos francezes fez muita honra e offerta de serviços.

No dia seguinte mandou o marquez deitar um bando, defendendo aos do seu exercito, de qualquer qualidade que fossem, ousassem importunar qualquer francez com palavras, ou por qualquer outro modo, sob pena de morte; além d'isso a todo aquelle que lhe trouxesse morto ou vivo o conde de Torres-Vedras, que andava pelos montes, promettia dar quinhentos ducados; não tendo podido o commendador fazer com que fosse comprehendido na capitulação, inda que d'isso se occupasse, mais por piedade do que por justiça. Immediatamente os soldados hespanhoes amigos de dinheiro, começaram a juntar-se aos bandos para irem procurar o conde nas montanhas, não temendo já o encontro dos francezes por

causa da composição, e fazendo pouco caso dos portuguezes: um cabo d'esquadra com outro de seus companheiros se poz em marcha, e entrando nas mattas ao pé dos montes descobriu um negro que fugia adiante d'elles: accellera o cavallo, persegue-o, toma-o pela gola, e com a adaga na mão, jurando por Deus, lhe diz:

— Mato-te, se me não ensinas onde está o conde.

Então o negro temendo tal furia lhe confessou, que outro annos fôra seu palfreireiro, e que acabava de o deixar n'uma caverna, a que se tinha retirado havia sete ou oito dias, abandonado de seus gentis-homens e officiaes domesticos. O hespanhol fal-o montar na garupa, deixa os companheiros que estavam a pé, e prosegue no caminho para a parte do conde, o qual ao mesmo tempo saiu da caverna para ver se o negro lhe trazia algum pedaço de pão como lhe promettera. Não tinha o conde por outra vestimenta senão um fato de camponez, e uns alforges ao pescoço: o cabo que o não conhecia, não só pelo mau estado em que o via, mas tambem porque elle se retirava como o visse, começou a gritar:

— Vem cá, bom homem, escuta-me, nada temas.

Então o conde se lhe aproxima de chapéu na mão, não tendo podido esconder-se na caverna, e lhe diz:

— Que quereis, senhor?

— Não és (lhe torna o cabo) d'estes cães de portuguezes que nos fizeram guerra?

— Não quero negar, disse elle, que seja portuguez; mas sou um pobre homem, que com o meu trabalho sustentava mulher e filhos n'esta miseravel terra, sem me occupar de guerra.

Tornou-lhe o cabo:

— Não quero dizer tanto; mas se d'aquí me não mostras o lugar onde o conde se esconde, morres ás minhas mãos.

Então o conde julgando que o cabo tinha parte n'este negocio, lhe respondeu:

— Senhor, fazei vós só diligencia, porque me é impossivel mostrar-vos o conde, que tanto tempo ha que não vejo.

O conde trazia na boca um ducado para saciar a sede, no extremo calor que fazia, e na mingua em que estava. Apercebendo-se d'isto o cabo, perguntou-lhe:

— O que é que tu rodas por entre os dentes?

Respondeu-lhe ser uma peça d'ouro, que lhe restava de todo o seu haver, e por meio da qual desejava obter pão n'alguma casa d'aquelles montes, para o levar a seus filhos, que não via, dizia elle, desde que os hespanhoes tinham saltado em terra; e, não obstante aquelle ouro, morria de fome. O cabo tomou o ducado, e contemplando-o inqueriu se não tinha senão aquelle; ao que o conde respondeu:

— Sim senhor, e quinze annos ha que o conservo; mas, pelo amor de Deus, dae-me alguma moeda de prata.

— Vae-te villão, que eu devia tirar-te a vida! — respondeu-lhe o hespanhol, e proseguiu no caminho.

O negro que ia na garupa para denunciar o amo, de medo que lh'o matassem, quando o viu em tão misero estado fallar ao hespanhol, lembrou-se do bem que tinha recebido d'elle, e commovido de piedade, com as lagrimas nos olhos, fez que o não conhecia; mas o cabo indo pelas mattas lhe disse:

— O lá, poltrão, queres fazer-me andar todo o dia, sem me lebares promptamente á caverna? Bem vejo que te aborrece o viver; mas dentro em pouco feito será de ti!

E mettendo a mão á adaga, começou o negro a gritar:

— Senhor, perdoae-me! Acabae de o deixar; mas não tive animo de vol-o descobrir, pela commiseracão que me inspirou!

— Como! (torna o cabo d'esquadra) seria possivel que elle fosse homem de tão baixa apparencia?

E voltou a toda a brida para traz: e como o achasse na furna, n'uma passagem difficil, lhe disse:

— Vem cá, meu pae, toma o teu ducado, que me pezára na consciencia não t'o restituir.

Então o conde, aproximando-se d'elle, e estendendo-lhe a mão para o receber, por ella o tomou o cabo, fazendo-o prisioneiro da parte do rei Philippe. Então disse o conde ao negro:

— Infamé, que vendeste teu amo; mas não me queixo, porque estava bem convencido de que assim acabaria a vida como perdêra os sentimentos e a coragem!

O hespanhol, resmungando, com um golpe de adaga no peito do negro o precipitou do cavallo, e o deixou morto; e no lugar d'elle montou o conde, que conduziu ao marquez, ante quem foi rudemente tratado de palavras, e depois levado á galeaça da armada, onde lhe deram tratos crueis para o fazer confessar o plano d'el-rei D. Antonio, e dos da grande terra de Portugal, e depois condemnado a ter a cabeça cortada, e immediatamente executado, inda que os principaes da armada, que eram seus parentes, se esforçaram por lhe salvar a vida, com instancias ao marquez de Santa-Cruz; mas o seu conselho accordou, que isso era impossivel, por causa d'uma resposta por escripto, que elle dera a uma carta que o rei de Hespanha lhe enviára, persuadindo-o com doçura e boas palavras a voltar-se para elle, respondendo-lhe, «que primeiro prestaria homenagem ao diabo, do que a tamanho tyranno, e perfido como elle era.» Em fim morreu bom christão, com tal presença d'espírito, que se dissera ser o mais intrepido dos homens; confessou, como já se disse, que fôra causa da perda da ilha e dos pobres francezes; e supplicou ao marquez cumprisse o promettido na composição que com elles fizera, e os tratasse como gente de bem, que por taes os reconhecia. Todas estas fallas foram ditas em presença de todo o exercito hespanhol, com semblante alegre e palavras firmes, de modo que os francezes se admiravam, tendo-lhe conhecido tão pouca coragem quando era mais precisa, e tinham piedade de o verem levar tão rudemente, com um mau vestido, tendo-o d'antes visto honrado e respeitado, tanto pelos seus como pelos habitantes da ilha, tanto ou mais do que se fosse seu rei, servido em sua casa mui honradamente durante a mesa, com seus gentis-homens e outros domesticos descobertos, e aquelle que lhe dava de beber com o joelho em terra, tendo nas mãos uma salvasilha de ouro para aparar o que derramasse do seu copo em quanto bebesse. Entretanto suas grandezas não lhe evitaram esta morte odiosa, e desagradavel aos francezes, que elle sempre honrara e promettera fazer o que, chegadas as occasiões, lhe não permitiu Deus fizesse.

Seis dias antes da composição, D. Pedro de Toledo, filho do fallecido vice-rei de Napoles, foi encarregado de ir bloquear a ilha do Faial com 3.000 hespanhoes, na qual commandava um capitão portuguez, acompanhado de 400 francezes, e do capitão Carlos de Bordeaux, que os conduzia. Embarcou-se D. Pedro nas galeras e n'alguns navios grandes, e no dia seguinte, depois de reconhecer a ilha, e de

se lhe aproximar, tomou facilmente terra do lado dos portuguezes, que procederam como na Terceira, fugindo para os montes: os francezes, porém, vendo tomada a terra, e os portuguezes fugidos, resolveram combater até morrer: a principio decapitaram 50 ou 60 hespanhoes, que tinham ganho um forte na praia, e depois atacaram a frente da expedição que o eonde Pedro conduzia em ordenança, onde os francezes se não saíram bem por causa do parti o desigual, e foram repellidos, combatendo, até ao forte que tinham levantado na montanha, onde se compuzeram com as mesmas condições que os da Terceira, a que depois os conduziu o dito D. Pedro, e foram tratados como os outros.

(Continúa.)



INDIA DE HONDURAS.

(Continuação do numero antecedente).

A configuração topographica do estado de Honduras é muitissimo especial: mr. Squier, auctor da melhor obra acerca da geographia e recursos d'esta região pouco conhecida (1) observa exactamente que a respeito de clima e productos este paiz offerece a resumo de todas as outras regiões do globo.

As Cordilheiras, ou grande cadeia de montanhas longitudinal que forma a linha divisoria das vertentes das aguas, correndo umas para o mar Pacifico e outras para o Atlantico, atravessam Honduras na direcção geral de noroeste e sueste; o seu proseguimento é sinuoso em frequentes voltas, formando bacias interiores ou valles onde os diferentes rios ajuntam suas aguas.

Esta cordilheira é interrompida em toda a largura continental por um valle, que em relação ás facilidades que apresenta para se estabelecer uma comunicação rapida e economica entre os dous oceanos, póde considerar-se o caracter topographico mais no-

(1) *Notes on central America*, by E. G. Squier: com mapas e estampas. Nova-York, 1853. 1. vol. 8.º de 400 pag.

tavel de toda aquella região. A sobredita grande quebrada ou interrupção da corda de serranias é causada pelo extenso valle, ou para melhor dizer, planicie de Comayagua, cujo eixo longitudinal, isto é de norte a sul, corta quasi em angulo recto a direcção geral das cordilheiras, que n'este ponto se recolhem para traz; orlam a planicie a leste e oeste, e deixam na cadeia de montanhas uma longa intermissão que vae d'um mar ao outro. Os rios Humuya e Goascoran tem seus mananciaes no alto d'esta planura e quasi costa com costa; o primeiro dirigindo-se ao norte a desaguar na bahia de Honduras, o segundo correndo ao sul para a bahia de Fonseca. A planicie de Comayagua tem uma elevação media de 1:900 pés, quando a altura geral das Cordilheiras não é menos de seis a sete mil pés acima do nivel do mar.

As facilidades que esta disposição offerece para estabelecer a comunicação interoceânica, reunida á circumstancia de existirem excellentes portos nas duas extremidades d'essa linha, atrahiu a attenção do mundo commercial, logo que foi conhecida. Pelo espirito emprehendedor que distingue os americanos, as cousas caminharam rapidamente, e apenas decorridos dous annos desde o descobrimento d'esta passagem por mr. Squier, fizeram se os reconhecimentos e a planta para um caminho de ferro por engenheiros competentes; obtiveram-se do governo de Honduras as concessões necessarias: organisou-se em Nova-York uma companhia para as despezas da construcção, e celebraram-se contractos para as differentes obras.

Quando estiver concluido o caminho projecto, poupar-se-ha com elle de vantagem sobre o de Panamá (o unico viavel atravez do isthmo da America central) o trajecto de 21 graus de latitude ou 1:300 milhas de navegação; e em rasão da superioridade dos portos, da facilidade de embarque e desembarque, haverá uma economia de oito dias para menos nas viagens da Europa, ou das costas atlanticas dos Estados-Unidos, para os grandes centros commerciaes no oceano Pacifico, isto é a California, as ilhas Sandwich, e a China, o Japão, e as Indias orientaes. Por esta nova estrada e com o grau de velocidade actual, os transitos poderão effectuar-se por vias ferreas e barcos a vapor, de Nova-York á California em 14 dias, e de Londres ou de Paris para a Australia e a China em 40 dias. Veja-se a este respeito o livro impresso em Paris no anno preterito de 1853, intitulado, *Chemin de fer interoceanique de Honduras*. 1. vol. 8.º

(Continúa.)

São correspondentes do editor: no Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; em Coimbra, o sr. Olympio N. R. F.; em Vianna do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximiano Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio do Janciro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves; Ceará o sr. José de Oliveira; Maranhão, o sr. J. A. da Silva Guimarães.